



## O PAPEL DE ELPÍDIO DE ALMEIDA PARA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE

Regina Paula Silva da Silveira  
re\_silveira13@hotmail.com  
(UFRN)

### Resumo

O presente trabalho visa analisar o papel do intelectual Elpídio de Almeida na construção da História de Campina Grande e como essa história contada por ele é perpetuada até hoje no ensino da história local nas escolas de ensino fundamental e médio paraibanas. Para tanto utilizaremos o conceito de intelectual desenvolvido por Jean-François Sirinelli que analisa atuação dos intelectuais na sociedade a partir de seus instrumentos de intervenção e participação. Este trabalho nasceu das indagações surgidas em nossa pesquisa sobre o livro História de Campina Grande de Elpídio de Almeida, que dentre as várias possibilidades de interpretação nos mostra que a história que Almeida escreveu em 1962 de cunho factual e que só retrata “grandes” personagens e acontecimentos, é a que predomina no senso comum, o que demonstra que as aulas de História de Campina Grande e da Paraíba precisam ser revistas, pois, a história ensina nas escolas de ensino fundamental e médio precisa ultrapassar essa historiografia tradicional.

**Palavra chaves:** Intelectual. História. Ensino.

*Os homens se parecem mais com sua época do que com  
seus pais  
(Provérbio Árabe)*

Ao analisarmos a produção historiográfica paraibana, vemos que por muito tempo ela esteve ligada a concepção de história do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano - IHGP, principalmente no período que vai da fundação do instituto em 1905, até a consolidação do curso de História na Universidade Federal da Paraíba, em 1980<sup>1</sup>.

O tipo de escrita da história do IHGP fundamenta-se e está submetida às concepções políticas e ideológicas de sua *Célula Mater*, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB.

<sup>1</sup> Segundo DIAS (1996 p. 22-23), com a consolidação do departamento de história da UFPB, que aconteceu quando a universidade conseguiu congrega novos professores para o curso, e implantar o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NIDIHR, entre o final de 1970 e o início de 1980. Isso deu uma nova “cara” à produção científica do estado, pois foi um momento muito fértil de questionamentos sobre o tipo de produção historiográfica feita pelos membros da UFPB, que por não terem entrado na universidade por práticas clientelistas, puderam combater a historiografia paraibana tradicional, que estava vinculada aos moldes do IHGP. In: DIAS, Margarida Maria Santos. Intrépida AB Origine: O IHGP e a produção da História local (1905 – 1930). João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda., 1996.





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Esse foi criado no dia 28 de fevereiro 1839 com sede no Rio de Janeiro com o dever de criar uma História para o Brasil. História essa que deveria olhar o passado para ressaltar e solidificar os mitos de criação, forjando um passado de glória através de personagens e fatos (SCHWARCZ, 1993, p.99).

Esse modo de conceber a história produziu muitos frutos, como por exemplo, o livro *História de Campina Grande* escrito por Elpídio de Almeida e publicado em 1962.

Elpídio Josué de Almeida foi uma dos personagens que participou ativamente da sociedade campinense entre as décadas de 1920 a 1970, Multifacetado, atuou como médico, político e historiador. Nasceu em Areia - PB, mas adotou Campina Grande - PB como sua cidade. O município o serviu de inspiração para diversos trabalhos, mas principalmente para a escrita de sua obra *História de Campina Grande* elaborada com o intuito de homenagear a cidade no seu primeiro centenário<sup>2</sup>.

Além desse livro Almeida colaborou com jornais locais como o Diário da Borborema e a Gazeta Campinense, escreveu vários artigos para a Revista do IHGP, foi um dos organizadores da Revista Campinense de Cultura, colaborou também com a Revista Campinense, além de escrever alguns artigos para o Jornal do Comércio de Recife.

Vemos assim que Elpídio de Almeida foi um importante intelectual de Campina Grande e contribuiu muito para sua História, principalmente com seu livro que é uma obra de referência, até hoje, para estudos sobre a cidade.

Entendemos que a pesar se sua importância, *História de Campina Grande*, precisa ser bem analisada, pois no livro Elpídio de Almeida representa a cidade através de imagens que exaltam muito Campina Grande, por exemplo, através de mitos de fundação tradicionais como a dos Tropeiros da Borborema, de Teodósio Oliveira Ledo. É importante ressaltar também que esse

---

<sup>2</sup> No prefácio da segunda edição de *História de Campina Grande*, de 1978, Elpídio de Almeida escreve o seguinte: “impunha-se a elaboração deste trabalho, sem mira a prêmio ou ajuda oficial, como contribuição espontânea às festividades de 1º centenário da cidade, a comemora-se em 11 de outubro de 1964. Como realizá-las com afeição e ufânias sem um caderno descritivo do seu passado? Sem um depoimento exato sobre os homens que a fundaram? Sem uma narrativa dos principais sucessos ocorridos em seu território, desde o tempo da fundação da aldeia, velha de quase três séculos? Aparece essa publicação para evitar a falha”. A pesar da 2ª edição do livro ter sido publicado em 1978, esse depoimento foi escrito em 1962, ano de lançamento da 1ª edição do mesmo. Vê - se nela claramente as intenções de Almeida com sua obra a além de deixar claro sua preocupação em dar para a cidade sua “verdadeira história”. Mostrando com isso o seu campo atuação que é o IHGP.





ideário da cidade não é reafirmado à toa, no caso de Elpídio de Almeida, por exemplo, quando ele vai relatando os acontecimentos de Campina Grande, fica claro sua escrita intencionada, privilegiando alguns grupos em detrimento de outros. Arriscamos sustentar o argumento, já defendido por Dias (1996) de que até hoje essa História contada por Almeida e outros escritores da historiografia tradicional, é a que a maior parte da população sabe, pois ela é reproduzida em discursos políticos, músicas, versos, e até mesmo em muitas das aulas de História (DIAS, 1996, p.23)<sup>3</sup>.

### O Campo Intelectual

Ao desenvolver estudos sobre os homens de letras, os pesquisadores se colocam em meio a um dilema: em uma sociedade complexa e mutável qual o papel dos intelectuais na sociedade?

Segundo Sirinelli (2003)<sup>4</sup> para entender o significado do que é um intelectual é preciso acompanhar as transformações da sociedade, por isso mesmo o conceito tem um “caráter polissêmico” e um “aspecto polimorfo”. Não há como definir categoricamente esta palavra pela questão dos sujeitos que ele busca significar, sendo assim, o autor aplica como exemplo:

[...] existem duas acepções do intelectual, uma ampla e sócio-cultural, englobando os criadores e ‘mediadores’ culturais, a outra mais restrita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou ‘mediadores culturais’ em potencial, e ainda outras categorias de ‘receptores’ em potencial, e ainda outras categorias de ‘receptores de cultura’. [...] Estes últimos podem ser reunidos em torno de uma segunda definição, mais estreita e baseada na noção

<sup>3</sup> Ainda segundo Dias, a visão de história que predomina na sociedade paraibana ainda é essa da historiografia tradicional, pois os estudos acadêmicos a pesar de criticar esse tipo de escrita não tem o alcance e influência que os escritores da historia tradicional tem. Essa facilidade de interação com a sociedade se deve principalmente pela interlocução com as escolas, via caminhos institucionais que produzem material didático que perpetuam essa memória que além de ser factual e de heróis, é mitificada e sem sujeito, a não ser os “grandes sujeitos” nos “grandes momentos”. Ou seja, uma História monumento, pensada e escrita para ser contemplada e não criticada. (1996, p. 23-24).

<sup>4</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora RGV, 2003.





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

de engajamento na vida da cidade como ator – mas segundo modalidades diferentes [...]. (SIRINELLI, 2003, p. 242-243)<sup>5</sup>.

Dependendo do intelectual pesquisado esses aspectos podem ser vistos em conjunto, independente do posicionamento político, até porque não há legitimidade em uns – intelectuais de esquerda, por exemplo – e deslegitimidade em outros – os de direita – e sim a atuação na sociedade deste sujeito a partir de seus instrumentos de intervenção e participação (SIRINELLI, 2003, 256-257)<sup>6</sup>. Vemos com isso que uma das características mais importante dos intelectuais é o papel que ele desempenha na sociedade.

Desta forma neste artigo utilizamos as contribuições do campo da História Intelectual ou a Nova História Política para nossa análise, a historiografia francesa, atualmente vem contribuindo muito para o estudo sobre os intelectuais, apontando que estes estão inseridos em um campo amplo, que se pautam no diálogo entre a história política, social e cultural. A articulação dessas áreas é indispensável para o estudo desse grupo, pois para entender a sua atuação engajada, seu pensamento e influência na sociedade é preciso buscar contribuições de cada área destas. Como nos mostra Francisco Falcon (1997):

A história intelectual remete a textos bem mais abrangentes, uma vez que ela inclui as crenças não-articuladas, opiniões amorfas, suposições não ditas, além, é claro, das idéias formalizadas, além do mais a história intelectual preocupa-se com a articulação desses temas às suas condições externas – “como a vida do povo que é o seu portador”. Uma consequência interessante é assim a tendência da história intelectual de romper os limites disciplinares estabelecidos, já que visa inserir o estudo das idéias e atitudes no conjunto das praticas sociais. (FALCON, 1997. p. 94)<sup>7</sup>.

No entanto, essa valorização da história política, como também a história dos intelectuais, passou por um período de desvalorização na historiografia francesa, isso se deu com a ascensão da Escola dos *Annales* e sua crítica a Escola Metódica. Os *Annales* defendiam a história-problema e a interdisciplinaridade para a ampliação dos horizontes da História e se contrapor a tradicional

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Ver: FALCON, Francisco. História das Idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

História Narrativa que se baseava na exaltação de grandes homens e grandes acontecimentos, o que tornava comum e até mesmo desejável estudos que retratassem os intelectuais. Como nos mostra Ódalia (1992):

A necessidade de uma história mais abrangente e totalizante nascia do fato de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir, não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento. (p. 4)<sup>8</sup>.

Mas, é a partir de 1970 que a história dos intelectuais ganha novo fôlego, a partir da discussão e implantação de novos paradigmas, se tornando assim um campo histórico autônomo, mas não fechado, muito pelo contrário, pois se situa entre a história política, social e cultural (SIRINELLI, 2003, p. 232)<sup>9</sup>, como já havíamos apontado anteriormente. Isso ocorreu em grande medida como resultado dos esforços de historiadores políticos e culturais, como também do aumento no número de adeptos desse grupo social. Renascida a história intelectual deveria assim buscar novas discussões e instrumentos teórico-metodológicos que ajudassem a começar resolver suas pendências e controvérsias, como também diminuísse o risco de estudos ingênuos e pouco crítico (SIRINELLI, 2003, p.234-241.)<sup>10</sup>.

A partir dessa reflexão que vemos a importância de se estudar Elpídio de Almeida na construção de uma História Campinense. Para entender um pouco do contexto em que Almeida está inserido é preciso empreender uma breve síntese sobre a história dos intelectuais brasileiros.

Aqui no país a gênese de um campo intelectual remonta o final do século XIX e início do século XX, muito das idéias que norteavam nossos intelectuais vieram “importadas” da Europa através das idéias Comteanas e do liberalismo, ainda que essas ao chegarem aqui fossem

<sup>8</sup> ODÁLIA, Nilo. Apresentação. In: BURKE, Peter. A escola dos Annales 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia. 2ª ed. São Paulo: Ed. da UNESP 1992, p. 4.

<sup>9</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.) Por uma História Política 2ª ed.. Rio de Janeiro: Ed. FGV 2003.

<sup>10</sup> Ver: MARTINS, Luciano. A gênese de uma Intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil 1920 a 1940. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, nº 4. ANPOCS, 1987.





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

absorvidas de forma pontual e até muitas vezes extravagante, eram às bases da maior parte dos intelectuais (MARTINS, 1987)<sup>11</sup>.

Essa época é de extrema efervescência política, social e cultural, a passagem entre os séculos XIX e o XX traz consigo um fervor nunca visto por aqui antes e que afeta diretamente os intelectuais brasileiros.

Essas transformações geram uma mudança no mercado de trabalho dos intelectuais, que apesar de ainda serem dependentes de Instituições<sup>12</sup> para ter capital e manter suas relações sociais, sofrem cada vez mais a mediação dos trunfos escolares e culturais, que vão gerar uma concorrência no campo intelectual, pois vão surgir vários “tipos” de intelectuais vindos de diferentes classes e tendo diferentes opiniões<sup>13</sup>. É em meio a toda essa agitação que surgem os intelectuais brasileiros.

Analisando a historiografia brasileira, vemos que o perfil dos historiadores ao longo da primeira metade do século XX mudou muito. Percebemos que as agitações políticas, econômicas e sociais nessa época geraram mudanças significativas no perfil desses homens.

A historiografia brasileira surgiu no momento da independência comprometida definitivamente com a questão nacional. História e historiografia, ação e pensamento. Estado nacional e suas subseqüentes representações são componentes de um mesmo momento pleno de historicidade. [...] A *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* é um bom exemplo dessa postura historiográfica inicial, pois congregava a elite intelectual do país. (JANOTTI, 2003, p. 122)<sup>14</sup>

Essa é uma época de comprometimento dos historiadores em gestar uma história para o Brasil, história essa que vai ser moldada pelo IHGB, que apesar de ter uma proposta de retratar esse novo país numa ótica antilusitana através de um rigor metódico, vai se tornar um “reduto monarquista, onde eventualmente era permitida a presença republicana”<sup>15</sup>.

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> Como as Academias de Letras e Institutos Históricos.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 79-80.

<sup>14</sup> Ver: JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2003.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 123.





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Outro marco historiográfico importante para essa análise é a década de 1930, onde as mudanças políticas brasileiras geraram também mudanças na historiografia. A era de Vargas se inicia nessa década e traz consigo uma forte instabilidade política e vivos debates. Vemos assim que:

Há uma relação do conhecimento histórico com uma concepção de história e uma forma de explicação política e nacional bastante tradicional herdada do século XIX europeu e brasileiro. Pode-se perceber a elaboração de uma certa biografia nacional, com um “sentido verdadeiro” quase “natural” – o da construção da nação brasileira a partir de um descobrimento, sentido esse que se pretende passar para toda a sociedade. Nessas formas de pensar a história brasileira, o Estado ou o poder político têm sido atores ou sujeitos que permitiram inteligibilidade a essa história. (BORGES, 2003, p. 160)<sup>16</sup>

No entanto, essa visão de história não era hegemônica nessa época há todo um debate em torno dos acontecimentos da sociedade brasileira nesse contexto, debates esses que geravam desde a versão tradicional da história, como movimento de esquerda, que traziam os debates marxistas. Gerando assim uma verdadeira revolução de idéias<sup>17</sup>.

Borges aponta que nesse momento há uma pluralidade de imagens que surgem na população

O imaginário dito coletivo ou social incontestavelmente exerce enorme papel na política pois, em nossas mentes e corações, o real e o quimérico se interlaçam, se entremeiam inextricavelmente, como mostram filósofos, psicanalistas, sociólogos, antropólogos literatos e historiadores (BORGES, 2003, p. 163)<sup>18</sup>

Após o Estado Novo novas reflexões emergiram sobre a sociedade brasileira, a década de 1950 veio repleta de transformações que irão mudar de vez a “cara” do Brasil. Acontecimentos como: a *Guerra Fria*, reeleição de Vargas em 1950 e sua morte em 1954, a Revolução Cubana, os partidos de esquerda, as *Ligas Camponesas*, o crescimento do número de mulheres no mercado

<sup>16</sup> Ver: BORGES, Vavy Pacheco. Anos trinta e política: História e Historiografia. In: Ibidem.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 160-163.

<sup>18</sup> Ibidem.





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

de trabalho, o *Cinema Novo*, o *Rock*, a *Bossa Nova*, entre outros acontecimentos, marcaram a sociedade Brasileira.

Empreendemos essa discussão por entender que todas essas mudanças influenciaram muito Elpídio de Almeida, pois é em meio a todas essas questões aqui postas que ele vai paulatinamente entrando no mundo da história e se tornando um Intelectual (historiador).

### ***Tradição e poder: o IHGP e sua influência na historiografia local***

*Os homens se parecem mais com sua época do  
que com seus pais.  
Provérbio Árabe*

Se pararmos para analisar a procedência institucional dos intelectuais que se preocuparam em escrever a história paraibana no início do século XX, vamos facilmente descobrir que ela se concentrou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Desde a fundação do instituto em 1905, até a consolidação do curso de História na Universidade Federal da Paraíba, em 1980, foi forte a influência do IHGP na historiografia paraibana, e como já anuncia a epigrafe, os homens refletem sua época, e assim foi com Elpídio de Almeida.

Almeida foi um típico intelectual nordestino de até meados do século XX, onde os homens da elite local tomavam conta da política e das letras na sociedade<sup>19</sup>, Membro do IHGP, Almeida seguia a base intelectual dessa Instituição, que por sua vez seguia o modelo do IHGB, sua “Musa inspiradora”.

O IHGB nasce na passagem da Monarquia para a República e traz uma nova perspectiva histórica para o Brasil, pautada no rigor científico e com a meta de estabelecer uma historiografia

---

<sup>19</sup> Essas práticas mostram a típica relação de poder paraibano, na época, onde uma elite proprietária rural governa todas as instâncias da sociedade. Eliete de Queiroz Gurjão (1994) diz que essas práticas de mandonismo local vinham desde a sociedade colonial açucareira que formou os embriões das oligarquias, mas que é na República que esse poder se consolida, pois com o processo de regionalização que dá liberdade de atuação aos Estados favorecidos pelas condições político-institucionais a partir da implantação do federalismo que as oligarquias se colocam como centro do poder político. Isso aconteceu por conta da chamada “política dos governadores” que gerou uma colaboração mútua entre as oligarquias dominantes concentrando o poder e reforçando o sistema oligárquico. O núcleo dessa estrutura de poder se estrutura nos “redutos coronelísticos, no controle do eleitorado e nas relações entre os ‘coronéis’ e o governo federal e estadual, intermediadas por seus oligarcas.” (p.17-18). Ver: GURJÃO, Eliete de Queiróz. *Morte e vida das oligarquias – Paraíba (1889-1945)*. João Pessoa: EDUFPB, 1994, p. 17 – 18.





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

capaz de organizar e escrever uma história da nação<sup>20</sup>, dando ênfase a uma História factual, descritiva, que pretende criar uma História oficial que chegue o mais próximo da verdade e onde alguns Homens são escolhidos para “entrarem” na História e ser “grandes”, o mesmo acontece com os fatos Históricos. Nossa História oficial pode ser enquadrada nesse contexto. Desta forma, esse Instituto congregou vários intelectuais para realizar essa empreitada.

Segundo Margarida Maria dos Santos Dias<sup>21</sup>, desde a passagem da Monarquia para a República os intelectuais paraibanos começaram a expressar nos jornais locais a necessidade de formular uma história paraibana, o que só começou a ser concretizado em 1905, com o IHGP (1996, p. 35).

Ainda segundo Dias, os fundadores do IHGP foram, como no IHGB, pessoas com cargos públicos, burocráticos e da elite (1996, p. 36), ou seja, bacharéis, médicos, políticos, jornalistas, autodidatas, por exemplo. Sempre ligados ao Estado e buscando favorecer a implantação de seus objetivos.

O objetivo desses homens era contar a história da Paraíba e conseguiram<sup>22</sup>, lançando as bases da historiografia paraibana, fato que eles gostam de ressaltar, pois se colocam como um marco de ruptura entre uma Paraíba sem história para uma com história e escrita pelos paraibanos (DIAS, 1996, p.23). O que se confirma ainda mais no livro História do IHGP<sup>23</sup>, produzida pelo próprio instituto, onde o autor diz que:

O instituto Histórico e Geográfico Paraibano é a mais antiga instituição cultural da Paraíba em funcionamento. São 92 anos [...]. Antes o Instituto – esclareceu o historiador Celso Mariz [...] “o que dizia sobre a nossa terra estava espelhado em Rocha Pita, em Frei Vicente Salvador, em Jaboatão, em Aires Casal, em Southey, em Leopoldo Vieira, em Varnhagen. Tudo disperso e pouco...”

<sup>20</sup> Ver: CEZAR, Temístocles. Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia brasileira entre os antigos e os modernos. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das (Org.). Estudos de historiografia brasileira. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2011. p. 93-94.

<sup>21</sup> Em Intrépida AB Origine: O IHGP e a produção da História local (1905 – 1930). De 1996.

<sup>22</sup> Segundo Dias (1996, p. 42-43), o IHGP conseguiu cumprir sua tarefa de escrever a história da Paraíba, a pesar da instabilidade financeira e política dos primeiros anos do instituto, que foi marcado pelas querelas da política oligárquica, já que tinha uma relação estreita com o Estado.

<sup>23</sup> Escrito por Luiz Hugo Guimarães e lançado em 1998.





Historia essa que estava fadada a retratar os fatos mais “nobres” e “importantes” para os paraibanos, leia-se das elites. Além disso, a concepção histórica do instituto prezava pela história factual, desprovida de análises críticas, o que culminava no mero narrar os fatos. Dias expressa bem isso, quando diz que:

O que importa aqui é ter clareza do quanto está arraigada uma certa concepção do processo histórico, que não é só oficial, factual, de heróis, mas é sobretudo mitificada e sem sujeito (a não ser os “grandes sujeitos” nos “grandes momentos”) uma história de monumentos. Pensada e escrita para contemplação, não para o engajamento e a inserção dos sujeitos históricos. (1996, p. 24)

Essa História só começou a ser criticada, aqui na Paraíba, a partir da década de 1980, quando a UFPB conseguiu contratar novos professores, que deram um novo rumo a o que se escrevia sobre História na Paraíba. Mas precisamente, foi com a criação do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), que tinha o objetivo de se contrapor a História tradicional produzida pelo IHGP (DIAS, 1996, p.23).

Elpídio de Almeida se associou ao IHGP em meados da década de 1930<sup>24</sup>, e essa instituição influenciou muito na sua concepção do que é história, o isso pode ser claramente visto em sua escrita.

### “História de Campina Grande” e a “criação” de uma História para a cidade

1962 é um ano importante para Elpídio de Almeida, nesse que ele lança seu livro, é ai que nasce *História de Campina Grande* após uma gestação de alguns longos anos sua obra prima é lançada e Almeida enfim se torna um intelectual completo. O livro foi editado pela Livraria Pedrosa e impresso em Recife, ganhou uma segunda edição fac-símile em 1978 feita pela Editora da UFPB. São 424 páginas divididas em 32 capítulos, que contemplam a história da origem de Campina Grande desde quando ainda era aldeia até se tornar cidade, narrando seus principais

<sup>24</sup> Ver GUIMARÃES, Luiz Hugo. História do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, 1998, p.108.





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

monumentos, sua vida política e de alguns movimentos sociais. Montando assim uma História oficial da cidade.

Os livros são janelas que mostram o interior de seu autor e assim Almeida se mostrou para todos em sua célebre obra. Tanto é que logo na capa ele faz questão de dizer logo seu lugar “Elpídio de Almeida (do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano)”. A partir dessa frase podemos entender o porquê de muita coisa do livro. Pertencer ao IHGP primeiro mostra a seus leitores o quão erudito é seu autor, em uma sociedade praticamente analfabeta, pertencer a um Instituto como esse significa status de homem das letras, é o que fazemos hoje ao mostrar nossos títulos quanto maior esse for mais qualificado é o autor.

Além da erudição esse lugar do autor significa também a sua forma de escrita. Dizer que é do IHGP significa também mostrar seus métodos de escrita, método esse que seguia a vertente da Escola Metódica.

No século XIX a história se afastou da literatura e ganhou status de ciência, pois agora se baseava em métodos. Mais precisamente o método positivista consiste em adotar o método das ciências naturais para chegar à realidade. Desta forma, a história científica deveria ser produzida por um sujeito neutro para que o seu objeto de estudo fosse enfatizado sem nenhuma forma de julgamento, pois os fatos falam por si, para tanto o historiador devia-se manter inseto, imparcial, sem deixar seu contexto interferir em seu estudo.<sup>25</sup>

No entanto, Reis (2004) ressalta que não houve historiadores positivistas, no sentido estrito do termo<sup>26</sup> eles podem ser chamados de *positivos*, pois “apóiam-se em fatos, na experiência, em noções a *posteriori*; temem a não objetividade e tendem ao concreto, evitando a especulação; tem uma visão otimista, progressista da história.” (REIS, 2004, p. 27). Ou seja, os historiadores não seguiam todas as regras positivistas, assim José Carlos Reis opta por chamá-los de metódicos pelo fato desses se apoiarem no método científico para fazer a história. Concordamos com Reis, pois à medida que se lê obras de cunho percebemos que os historiadores não conseguem se distanciar totalmente de seus objetos e realizar uma análise neutra.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>26</sup> Reis (2004) ao afirmar isso se refere aos historiadores franceses do início de século XX, no entanto acreditamos que essa regra serve para os historiadores brasileiros da mesma época, pois a influência de historiografia francesa é marcante na historiografia brasileira daquela época até hoje. Sobre esse assunto ver: Ibidem, p. 27.





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

O livro *História de Campina Grande* foi escrito em homenagem ao centenário da cidade, Elpídio de Almeida escreve o livro traçando um perfil para ela, ressaltando sua importância e grandiosidade. Esses aspectos podem ser vistos já na disposição dos capítulos onde Almeida quis mostrar a evolução da cidade, mas ressaltando desde as primeiras linhas que Campina Grande estava fadada ao sucesso. Desde sua fundação a cidade mostrava uma espécie de *destino manifesto*<sup>27</sup>, guardada suas devidas proporções, pois da forma que Almeida constrói seu texto dá a impressão que a cidade foi designada por Deus para ser magnificente, alimentando ainda mais a tradição da Campina “Grande”.

A exaltação os grandes homens, como não poderia deixar de ser, também está presente em *História de Campina Grande*. São muitos os nomes que aparecem no livro, vamos ressaltar os que mais são utilizados por Almeida.

Desta forma, Elpídio de Almeida vai construindo a *História de Campina Grande*, com o claro motivo de homenagear a cidade o historiador vai tecendo sua narrativa de forma que o passado da cidade apareça grandioso como a mesma, pois como já mencionei anteriormente, talvez o principal objetivo da escola metódica seja criar uma nação com um passado que ela possa se orgulhar e que sirva de exemplo para as pessoas. Nesse sentido, vemos que Elpídio de Almeida conseguiu realizar seu feito, pois a imagem da cidade que ele cria em seu livro está presente até hoje nas aulas de ensino básico, nas canções, nos versos, nos discursos dos setores dirigentes, da imprensa, é sem dúvida a versão mais difundida.

Vemos com isso que o papel dos intelectuais na construção do saber é muito importante, a partir do caso do livro “*História de Campina Grande*” vemos que a *História* contada por Almeida é a que é repassada até hoje, isso acontece porque as novas propostas curriculares trazem inovações que muitas vezes as escolas não dão subsídio para ser colocadas em prática, sem falar nos salários defasados dos professores, que desestimula ainda mais uma inovação na prática do ensino. Sendo assim trabalhar com os livros didáticos tradicionais torna mais fácil o trabalho dos professores, fazendo com que a *História* tradicional seja repassada.

---

<sup>27</sup> A expressão é usada para designar a crença de que o povo dos Estados Unidos é eleito por Deus para comandar o mundo, justificando assim a política expansionista Norte-Americana. Adaptamos a idéia para Campina Grande, mas ressaltamos que para a cidade essa expressão é para ressaltar o sentimento de grandiosidade que é constantemente reafirmado por muitos campinenses.





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Assim, vemos que o tipo de história que está sendo repassada para nossos alunos ainda é factual e não dá base ao aluno de se tornar um sujeito crítico e que entende o processo histórico como amplo e plural. Segundo Munhoz<sup>28</sup> “a história ensinada nas escolas ocupa uma função ideológica dentro da estratégia da ‘ordem’” (1982, p. 65). Fato que até hoje pode ser visto nas escolas, pois por mais que os métodos de ensino e o próprio conteúdo ensinado esteja mudando, ainda há muito da história factual baseado em grandes personagens e feitos históricos, ainda segundo Munhoz essa manutenção se dá para reproduzir os valores da sociedade burguesa, que está por trás do discurso de neutralidade da instituição escolar (1982, p. 66-67)<sup>29</sup>. Todos esses problemas geram alunos que não entendem a história e sua finalidade, gerando assim o desinteresse pelo estudo da matéria.

E quando se fala de História da Paraíba, o problema ainda é mais grave, pois esse conteúdo mau é dado nas escolas, quase não há livro didático sobre o assunto e os que tem são extremamente pautados na história tradicional. Acreditamos que esse é um dos motivos que faz com que a maior parte da população saiba a história tradicional do estado e assim é que a História contada por Elpídio está até hoje repassada no senso comum, mesmo com tantas pesquisas sobre a história de Campina Grande na academia, pouco do que foi pesquisado conseguiu sair dos muros das Universidades. É por isso que discussões sobre o ensino de História são tão importantes atualmente pois só assim o ensino de História é repensado.

### **Considerações finais**

A partir do exposto vemos que trabalhos que estudam os intelectuais e a cultura que eles produzem é um campo em expansão na historiografia, principalmente no que diz respeito ao papel desses intelectuais na sociedade. A partir da década de 1970, como o chamado “retorno do político”, emergiu outras interpretações da política enquanto espaço de atuação da sociedade por seus agentes – múltiplos – e não algo restrito apenas aos “poderosos” além do crescimento quantitativo dos sujeitos intelectuais.

---

<sup>28</sup> Ver: MUNHOZ, Sidnei José, Para que serve a História ensinada nas escolas? In: SILVA, Marcos A. da. Repensando a História. 6.ed. São Paulo: Marco Zero, 1982.

<sup>29</sup> Ibidem.





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Um dos papéis que esses intelectuais exercem na sociedade é a construção da História, no nosso caso utilizamos Elpídio de Almeida para exemplificar isso, além de forjar uma história para a Campina Grande percebemos que apesar de a escrita de Almeida estar “ultrapassada” historiograficamente ela é a base do que a maior parte da população paraibana sabe sobre a história local.

Sendo assim percebemos que isso ocorre por conta da repetição desse discurso através de músicas, poesias, de discursos políticos e jornalísticos bem como das aulas de história ministradas nas escolas de ensino fundamental e médio.

Com essas constatações queremos com esse artigo mostrar que os professores de História precisam encarar o desafio de mudar o que é contado nas aulas de História, principalmente nas aulas sobre a História local, que está impregnada por uma história tradicional que não dá possibilidade ao aluno de se sentir pertencente a esta história de sua cidade e do seu Estado. O ensino de História Geral e do Brasil está aos poucos mudando é preciso empreender essas mudanças no ensino da história local também.

### Referências

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia**. 2ª ed. São Paulo: Ed. da UNESP 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

DIAS, Margarida Maria Santos. **Intrépida AB Origine: O IHGP e a produção da História local (1905 – 1930)**. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda., 1996.

FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2003.

GUIMARÃES, Luiz Hugo. **História do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**, 1998.

GURJÃO, Eliete de Queiróz. **Morte e vida das oligarquias – Paraíba (1889-1945)**. João Pessoa: EDUFPB, 1994.

MARTINS, Luciano. **A gênese de uma Intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil 1920 a 1940**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, nº 4. ANPOCS, 1987.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das (Org.). **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2011.





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Cord). **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora RGV, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Marcos A. da (Org.). **Repensando a História**. 6.ed. São Paulo: Marco Zero, 1982.

